



## **Do livroreportagem à cinebiografia: apontamentos sobre adaptação<sup>1</sup>**

Helder Ronan MOURÃO<sup>2</sup>  
Graciene Silva de SIQUEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Campus de Parintins, Amazonas, AM

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo fazer reflexões sobre a adaptação de livrosreportagens biográficos para cinebiografias. Partimos da hipótese de que os livrosreportagens apresentam elementos atrativos ao cinema, que facilitam esse processo, especialmente as biografias que tem como centro da história um ser humano, que muitas vezes acaba por fazer o leitor/espectador se identificar com a jornada do personagem. A estrutura narrativa que se utiliza de recursos literários também é um apontamento que pressupõe uma proximidade entre ambos os gêneros, mesmo estes sendo de mídias diferentes. Em linhas gerais, o enredo do livroreportagem e do filme centra-se no conflito humano presente na trajetória de um personagem protagonista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livroreportagem; Adaptação; Cinebiografia.

### **Introdução**

O livroreportagem tem hoje reconhecimento e consumo indiscutíveis. Das 160 obras mais vendidas no período de 1966 e 2004, identificadas na pesquisa de Cortina (2006), 18 são livrosreportagens. Eles surgem da necessidade de jornalistas produzirem trabalhos mais densos e precisos sem deixar de lado o apuro do processo de produção jornalística ao mesmo tempo em que transitam por outras áreas, como a literatura. Apesar de não se entregarem totalmente à ficção, é nela que os autores buscam recursos para uma escrita com mais requintes. Assim, o livroreportagem torna-se, segundo Lima (2009), o produto da imprensa não periódica que mistura jornalismo e literatura e investiga temas com profundidade.

Lima é autor da primeira tese de doutorado dedicada integralmente ao livro-reportagem no Brasil, tendo pesquisado o assunto para elaboração de sua tese. Sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 01 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Comunicação – Jornalismo Ufam/Parintins. E-mail: helder.mourao@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professora Mestre do Curso de Comunicação – Jornalismo Ufam/Parintins. E-mail: graciennesiqueira@gmail.com.



pesquisa concentra-se em analisar de que forma a reportagem assume dimensões qualitativas e quantitativas ao serem pensadas para um livroreportagem. De maneira menos intensa, mas ainda assim esclarecedora, há a obra Livro-reportagem lançada pela editora Contexto, de autoria de Eduardo Belo. Recentemente, o trabalho de Catalão Jr<sup>4</sup> (2010) propôs uma abordagem diferente sobre o estudo do livroreportagem, ao propor a definição dele como um gênero do discurso, tipo relativamente estável de enunciado, elaborado no campo o jornalístico. Seus enunciados típicos são produzidos por trabalhos de reportagem, materializados e difundidos em livro, sua mídia específica. A enunciação tem como destino um público leitor potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado.

Uma nova abordagem ao livroreportagem é dada por Mourão (2012) ao pesquisar sobre como se dá a adaptação da obra jornalística para o cinema, o que torna um livroreportagem atraente para a indústria cinematográfica que diariamente recebe roteiros com potenciais histórias. E é esse caminho que será trilhado neste trabalho no sentido fundamentarmos nossa premissa que a proximidade entre a narrativa de ficção e a do jornalismo literário contribui para despertar maior interesse na adaptação de livrosreportagens biográficos para o cinema.

### **Da reportagem ao livroreportagem**

Antes, porém, de falar da adaptação do livroreportagem para o cinema, é importante conhecer em que contexto surgiu o mesmo e esclarecer o conceito de reportagem que, segundo Jorge (2009, p.69-70), tem quatro acepções:

- 1 - Resultado de busca de informações, cobertura;
- 2 - Atividade de coleta de informações, trabalho de preparar e redigir informação;
- 3 - Conjunto de jornalistas encarregado do setor informativo do jornal: a reportagem ou *reportariado*;
- 4 - Produto específico resultante do trabalho de reportar determinados fatos, com a pretensão de aprofundar o assunto e provocar o debate.

---

<sup>4</sup> Jornalismo Best-seller: O livro-Reportagem no Brasil Contemporâneo, tese de doutorado apresentada em 2010 ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.



Dentre as quatro definições apontadas pela autora, vamos nos apropriar da última que, por sua vez, abarca em seu processo produtivo as três primeiras. Lembrando também que, nos remeteremos aqui especificamente à reportagem impressa, mas deixando claro que ela pode se manifestar também no rádio, na TV e na *web*. A reportagem está inserida dentro do que comumente definimos como jornalismo interpretativo que pode ser encontrado ainda na forma crônica, dossiê e perfil (BELTRÃO, 1976).

O gênero surgiu durante a primeira guerra mundial, ocorrida no começo do século XX. Jornais e revistas sentiram necessidade de explorar o fato de forma mais densa, sem ser apenas factual, pois se tratava de um tema inserido em contextos diversos: econômico, social, político etc. O resultado foi um texto não só extenso, mas qualitativo em se tratando de sua redação. Nasce então a reportagem.

A revista norte americana *Time Magazine* é reconhecida como a precursora desse novo modelo de jornalismo. Lançada em 1923, ela é quem vai produzir reportagens periodicamente, buscando noticiar em profundidade os acontecimentos, tendo em vista o fato de os leitores já terem lido os diários e consumido as informações factuais.

No Brasil, a reportagem foi introduzida pelas revistas *Cruzeiro*, surgida nos anos 20, e a *Diretrizes*, nos anos 40. Mas o momento de maior crescimento da reportagem é os anos 60 quando surgem as revistas *Realidade* (1966) e *Veja* (1968), com a última adotando modelo semelhante à *Time* (RAMOS, 2010).

Mas depois de um tempo, mesmo o espaço das revistas vai se tornar insuficiente para os jornalistas que buscavam abordar os fatos de relevância da forma como pretendiam. E são nas revistas, que já haviam abrigado à reportagem, que a grande reportagem vai encontrar espaço, oportunizando aos jornalistas outras experimentações, especialmente em se tratando do texto.

A grande reportagem é mais que uma ampliação da reportagem cotidiana. Trata-se de um gênero que ganha extensão de espaço, de fontes, de tempo de apuração e de liberdade no uso de recursos estilísticos e textuais, principalmente os oriundos da literatura. Pode ser produzida em semanas ou até meses, dando o tempo necessário para os fatos acontecerem e suas consequências fluírem. Segundo Lima (2009) e Pena (2006), apesar de maior tempo para produzi-las, seu vínculo aos jornais e revistas ainda lhe impunham a rotina, uma periodicidade que muitas vezes atrapalhava a produção.



O interesse de jornalistas pelas grandes reportagens e a necessidade de maior liberdade para fazê-las, sem estar preso ao *deadline*, demandou outras formas de veiculação desses textos. Assim, muitas grandes reportagens ou conjuntos de reportagens compiladas começaram a ser transformadas em uma nova mídia, o livroreportagem.

Considerada a obra que inaugura a grande reportagem no jornalismo moderno, “Os 10 dias que abalaram o mundo”, de John Reed, foi lançado em livro no ano de 1917 e conta as primeiras semanas que culminaram na revolução Russa que deu origem a União Soviética. No Brasil, “Os Sertões”, de Euclides da Cunha (1902), publicado na Folha de São Paulo, é considerada a primeira grande reportagem do jornalismo brasileiro.

Alguns dos livros originados de grandes reportagens foram: “A milésima segunda noite na Avenida Paulista”, coletânea de reportagens escritas por Joel Silveira nos anos 40 sobre personalidades da sociedade brasileira; “Hiroshima<sup>5</sup>” (1946) escrita por John Hersey em uma única edição da revista *The New Yorker* sobre sobreviventes da bomba atômica no Japão; “O Segredo de Joe Gould” (1964) escrito por Joseph Mitchell para a revista *The New Yorker* sobre um mendigo que perambulava na cidade e pretendia publicar um livro com seus pensamentos. A partir disso, os livrosreportagens passam a abrigar tipo de reportagem jornalística (crônicas, perfis, etc...) e não a apenas reportagem, como antes definida enquanto gênero específico do jornalismo interpretativo.

A partir disso, o gênero ganha cada vez mais espaço e editoras vão se interessar na publicação dos livrosreportagens.

Uma das maiores editoras do país, a Companhia das Letras, lançou [...] uma coleção especial intitulada “Jornalismo literário – a arte de contar boas histórias”, que possui 15 títulos de grandes autores da modalidade, como os próprios Gay Talese e Truman Capote, pioneiros no estilo. A Editora Record também possui números expressivos: 47 obras de seu acervo estão inseridas no “gênero Biografia”; na Editora Casa Amarela, 12 dos 60 títulos são relacionados ao livro-reportagem... (PRIZIBISCZKI, INTERCOM, 2007, p.02.)

Atualmente, na livraria Folha, uma das maiores do Brasil, há 38 livros na categoria “Livro-reportagem” e 117 na “Grandes reportagens”. Porém, o mais interessante são os dados sobre a publicação das obras mais vendidas no período de 1966 a 2004, identificados por Catalão Jr (2010):

---

<sup>5</sup> A importância dada a essa reportagem foi tão grande, que ela foi o único texto dessa edição da revista.



[...] dentre tais livros, nenhum foi publicado no período de 1966 a 1969; apenas um, entre 1970 e 1979; de 1980 a 1989, quatro; já durante a década de 1990 publicaram-se seis desses títulos e, apenas de 2000 a 2004, sete; mais de setenta por cento deles, portanto, foram publicados entre 1990 e 2004. (p.203)

Esses dados mostram que além de haver um aumento gradativo na produção e publicação dos livros-reportagens, há também um aumento na procura por essas obras, sendo que 70% dos mais vendidos foram publicados entre 1990 e 2004.

Para Lima (2009) há uma busca por ampliar a compreensão da realidade e para isso “o livro-reportagem maximiza os recursos operativos inerentes à prática jornalística” (p.61). Para o autor, são as etapas de elaboração de uma reportagem – pauta, captação, redação e edição – que evidenciam as limitações da imprensa regular e que abrem espaço para o livro.

Na pauta há uma ampliação de liberdades que o jornalista dispõe para preparar seu trabalho, são elas: temática; de angulação; de fontes; temporal; de eixo de abordagem e de propósito. A possibilidade de tomar todas as decisões que achar necessárias dá ao autor melhor visão para estruturar seu trabalho.

Na captação há a possibilidade de melhor preparo e tratamento das entrevistas e de outros documentos, como cartas, ofícios e outros documentos oficiais, que não são tão comuns no jornalismo cotidiano. Para Lima (2009), a possibilidade de um tratamento diferenciado em livros-reportagens está no tempo que o repórter tem para fazer suas entrevistas. Com mais tempo para esse processo é possível fazer entrevistas de maior qualidade, classificadas por Medina (2008) como entrevistas de compreensão.

No jornalismo periódico, a fonte é coisificada, não sendo possível uma abordagem humanizada. Medina (2008) diz que um bom jornalismo tem que mostrar as pessoas e suas histórias, relevar o lado humano e não usar o entrevistado apenas como um simples relator, muitas vezes direcionado pelo repórter.

Segundo Lima (2009), o livro-reportagem é mais propício a essa humanização, pois a entrevista ultrapassa a simplicidade e coisificação da fonte e o objetivo é a compreensão que vai além da busca de simples relatos. Para o autor, baseado em Medina (2008), a informação tem mais do que relatos, ela dispõe de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza. Assim, a fonte não é mais apenas



uma pessoa que pode nos fornecer relatos ou informações. “Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado [...]” (LIMA, 2009, p.107).

Com um planejamento mais aberto e captação mais humanizada, é necessário resolver questões referentes ao texto. Lima (2009) diz que grande parte dos problemas do jornalismo regular, o jornalismo periódico, está no texto. Concomitante a ideia de Lima (2009), Genro Filho (1987) diz que a tradição herdada do jornalismo norte-americano (receitas de como escrever bem, normas gramaticais e de estilo) é uma mera “receita técnica de fundo meramente empírico, uma regra operativa que os jornalistas devem seguir sem saber o motivo [...]” (p.89).

Essa receita acima citada tem um único objetivo: elaborar um texto de fácil recepção para poder ser consumido pelo maior e mais heterogêneo público possível. Sobre essa relação de quem produz e para quem produz, Cortina (2006) diz que:

[...] em todo discurso, há um sujeito que diz algo para um outro a quem esse dizer é dirigido e que, além disso, o leitor é co-autor do enunciado, porque, na medida em que o discurso é direcionado para ele, é ele que controla o dizer do enunciador [...] (p.9).

Um passo importante em busca de um texto livre das fórmulas impostas ao jornalismo cotidiano foi o surgimento do Novo Jornalismo a partir do manifesto de Tom Wolfe intitulado “Radical *chic* e o Novo Jornalismo”. Wolfe elenca quatro recursos básicos que serão utilizados em grande medida pelos autores do Novo Jornalismo: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar a cena pelos pontos de vista de diferentes personagens; registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens. Segundo Pena (2006), a ideia do Novo Jornalismo era “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal ‘imprensa objetiva’ [...] o texto deve ter valor estético” (p.54).

Os estudos de Catalão Jr (2010), que identificaram os livros-reportagens mais vendidos no Brasil entre 1966 e 2004, apontaram o uso de características recorrentes da literatura de ficção nos livros-reportagens. No capítulo “Como um romance?” de sua tese de doutorado, Catalão Jr (2010) enumera algumas das características dos romances que foram usadas nesses livros, como a familiaridade e o didatismo. Retomando ao que diz Cortina (2006) sobre a necessidade de escrever o texto para um determinado público, os



livrosreportagens identificados no *corpus* de Catalão Jr (2010) têm na sua estrutura narrativa características que aproximam o leitor do tema, como linguagem coloquial, além do que:

[...] a familiaridade pessoal entre os interlocutores é marcada pela ausência de qualquer forma cerimoniosa, oficial ou hierárquica de tratamento. No livro-reportagem, o leitor é sempre um “você”, nunca um “senhor” ou “senhora”, nem uma pessoa cuja condição – social ou de classe, por exemplo – determine qualquer protocolo especial na maneira como o autor lhe dirige a palavra [...] (p.136).

Quanto ao didatismo, as obras são bem explicativas e buscam não deixar lacunas. Se há quebras propositais de narrativa, ao voltar ao tema, o autor explica novamente o que acontecerá para fazer a ligação, já que se faz necessário o entendimento do livro para que o leitor sintá-se à vontade em consumi-lo.

A onisciência, recurso muito utilizado nos romances de ficção, é outra característica comum em livrosreportagens citada por Catalão Jr (2010). O autor/narrador do livro é alguém que conhece o pensamento dos personagens, suas emoções, sensações e até o futuro.

Essa proximidade entre jornalismo e literatura é antiga. Pena (2006) nos mostra que no século XIX foram publicadas em jornais, grandes obras da literatura que, para se adequarem ao público e a periodicidade, utilizaram de características do jornalismo.

[...] ele era dirigido a um público muito vasto, de todas as classes. Portanto, a linguagem deveria ser simples e acessível. Além disso, para facilitar a compreensão, eram utilizados recursos de homogeneização cultural, como estereótipos, clichês e estratégias correlatas. Histórias de adultérios, amores impossíveis e odisséias aventureiras tinham como objetivo a lágrima melodramática e riso fácil. (PENA, 2006, p.29)

Eram os chamados folhetins. As principais obras publicadas nesse formato foram “Os Miseráveis” de Victor Hugo (1862) e “Os Três Mosqueteiros” de Alexandre Dumas (março a julho de 1844). No Brasil, “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio Almeida, foi o pioneiro com a obra publicada no jornal Correio Mercantil, em 1852. O que temos então, hoje, nos livrosreportagens é o processo contrário: o jornalismo utilizando características da literatura.



## **Do livro para o filme**

Para Genro Filho (1987) o recurso literário usando no jornalismo é como um instrumento de dramatização (para não falar em ficcionalização) capaz de fazer com que o espectador seja conduzido a vivenciar os personagens e as situações como se fizesse parte do acontecimento, já que se trata de fatos “reais” que não viveu, embora por terem acontecido, pudesse tê-los vivido.

Ao entendermos essa proximidade do jornalismo com a arte literária e a centralidade desse instrumento de dramatização, podemos compreender que o livreireportagem aproxima-se também do cinema. Para melhor compreensão dessas aproximações, vamos recorrer a Moreira (2005). Ela afirma que a narrativa literária é precursora da narrativa audiovisual (na qual está inserida o cinema) e ambas desenvolvem-se a partir de uma necessidade humana de se comunicar. Assim, não importa qual a linguagem está sendo utilizada (literária, jornalística, cinematográfica), a arte de narrar vai apresentar estrutura específica cujos elementos são: narrador, personagens, tempo, espaço e acontecimentos.

Em linhas gerais, não se pode conceber uma história se não houver quem a conte (narrador), bem como não há função para este se não houver sobre quem (personagens) contar as aventuras vividas (acontecimentos) que, naturalmente, se passaram num dado momento (tempo) de suas vidas e em algum lugar (espaço) (p.21-2).

Com isso percebemos que a estrutura narrativa de um livro de ficção, de uma peça teatral, de um filme e até mesmo de um relato jornalístico, no caso, do livreireportagem são semelhantes, o que por si só já os aproxima.

Devemos considerar ainda outros aspectos para o interesse cinematográfico por livreireportagens, em especial por biografias. Em primeiro lugar, é preciso entender que a realização de um filme exige investimentos altos, assim a indústria cinematográfica não pode se arriscar a produzir qualquer filme. E o primeiro critério para se pensar em produzir um filme, é conseguir uma boa história, desenvolvida por um roteirista. Se a ideia é dele, trata-se de um roteiro original, mas se for um roteiro baseado em história já existente em livro ou teatro, será considerado roteiro adaptado.

Produzir um filme a partir de uma narrativa já existente, e que ganhou a simpatia do público, é menos arriscado para um estúdio ou diretor independente do que produzir





uma história que só existe no papel. Espera-se que o livro, que vendeu milhares de exemplares, leve milhares de espectadores ao cinema, observando-se é claro as características do produto cinematográfico no momento de adaptação.

A biografia foi descoberta pelo cinema ainda em 1899, poucos anos após o surgimento da Sétima Arte, com o filme “Joana D’arc”. Nos anos seguintes, percebe-se um interesse da indústria cinematográfica por personagens históricos iniciando uma safra de cinebiografias, filmes baseados em biografias.

No Brasil, dentre os seis livrosreportagens biográficos mais vendidos, estudados na tese de Catalão Jr (2010), encontramos quatro que foram filmados. As cinebiografias de Chico Xavier, de Olga Benário, do Barão de Mauá e de Assis Chateaubriand (Chatô), das quais esta última não foi concluída por problemas jurídicos. Isso em se tratando apenas das biografias mais vendidas, pois a lista de livrosreportagens que foram filmados é bem maior.

### **Cinebiografia e o drama**

Como vimos anteriormente, o livroreportagem é resultado de um trabalho jornalístico que tem recorrido a elementos da literatura, na maior parte das vezes, por escolha do autor. Esses elementos vão dar uma roupagem ficcional ao livro que, em alguns momentos, só vamos perceber que se trata de uma obra jornalística porque o autor assim o anuncia.

Da mesma forma, em se tratando da adaptação do livro para o cinema, esse processo vai utilizar de elementos da construção da história ficcional, já consagrada na literatura, no teatro e na Sétima Arte. Isso porque “[...] A *história* em si mesma, não basta para o docudrama. Sua significação pode parecer forçada, inverossímil, ou apenas tediosa ao espectador” [...] (RAMOS, 2008, p. 53, grifo do autor).

Vimos em Moreira (2005) que os pilares da narrativa ficcional são os mesmos, não importando para qual o meio utilizado, no entanto, a forma como esses pilares vão ser apresentados podem variar e, no caso do cinema, vão dar origem aos gêneros cinematográficos.



Em se tratando da cinebiografia vamos perceber uma aproximação desta com o gênero drama, o qual compreenderemos a partir de Bahiana (2012), que enumera as características dos principais gêneros<sup>6</sup> cinematográficos.

Partindo das ideias de Aristóteles sobre as regras da tragédia em sua obra clássica, “Poética”, Bahiana (2012) diz que o cinema codificou (ou transformou) o gênero drama em quatro elementos básicos: superação, heroísmo, destino, descobertas interiores e grandes questões morais. Quanto à superação, o personagem é submetido a situações que precisa transpor utilizando de qualidades que nem ele mesmo sabe que possui. Já o heroísmo, no caso do drama, é sinônimo de sacrifício por parte do herói: “[...] o drama não apenas tolera, mas muitas vezes exige que a resolução da história seja triste. O autossacrifício ou o sacrifício de entes queridos são, portanto, recursos comuns” (BAHIANA, p.146, 2012).

Quanto ao destino, Bahiana destaca que no drama cinematográfico o percurso do herói já está “predeterminado”, que todas as ações na narrativa vão contribuir para que ele cumpra sua missão. E, nesse percurso, o drama exige que o personagem faça descobertas interiores, especialmente quanto a sua verdadeira essência moral que será colocada à prova em momentos de dificuldades. Por fim, há as grandes questões morais que serão apresentadas na tela em forma de dilemas que o personagem vai enfrentar e fazer escolhas, escolhas essas que ao final mostrarão qual o verdadeiro caráter do personagem.

Pallotini (1989) destaca que quem conduz a ação do drama (seja ele em livro ou peça teatral) é o personagem. É ele quem “produz conflito, sofre por suas paixões, torna-se ridículo na comédia, patético na tragédia, ri, chora, vence ou morre [...] (p.11)”. Na construção da história, o autor vai utilizar elementos para que o leitor ou espectador se identifique com esse herói, que se importe com o que acontece com ele. Ao retomarmos ao livrejornalismo, percebemos que um dos caminhos trilhados pelos autores do Novo Jornalismo foi de centrar suas histórias na ação de personagens, paralelamente à exposição dos fatos.

---

<sup>6</sup> De acordo com Bahiana (2012), um gênero pode ser definido tomando por base os seguintes elementos: narrativa; caracterização dos personagens; temas básicos; ambiente; iconografia e técnicas e estilos.



Dessa forma, como destaca Lima (2009) o jornalismo e a dramaturgia vão centralizar o conflito no homem, mas cada um a sua maneira. Enquanto o primeiro localiza as situações de embates na realidade social e as traduz para o plano do relato real, correspondente a uma verdade concreta, a arte dramática geralmente converte os elementos do real numa representação fictícia (p.75).

Bahiana (2012) destaca ainda o drama tem um caráter universal, pois pode ser facilmente compreendido e interpretado em qualquer parte do mundo por qualquer pessoa. Essa característica, inclusive, assemelha-se à familiaridade e ao didatismo antes citados nesse trabalho, que Catalão Jr (2010) identificou como características dos livrosreportagens *best-sellers*.

A fim de mostrar o peso que o drama tem no cinema, a autora ressalta que as grandes bilheterias no cinema até então (Avatar e Titanic) são dramas assim como os filmes que mais recebem o Oscar de melhor filme. Bahiana cita ainda pesquisa da Universidade de *Princeton* que aponta que as chances de um ator receber o Oscar é nove vezes maior se ele tiver atuado em um drama.

E de que forma esses elementos estão relacionados às cinebiografias? As cinebiografias, na maior parte, vão apresentar elementos do drama (superação, heroísmo, destino, descobertas interiores e grandes questões morais), pois é uma narrativa centrada na história de um protagonista. Tomando como exemplo o livroreportagem “Olga”, de Fernando Morais, podemos identificar esses elementos: a comunista Olga Benário é destacada para a missão de proteger o líder comunista brasileiro Carlos Prestes. No decorrer da missão, ela se apaixona pelo protegido, participa com ele das lutas no Brasil mesclando a missão com a vida pessoal. Depois é entregue grávida aos alemães durante a Segunda Guerra mundial, obrigada a entregar à filha à adoção, sendo morta em campo de concentração. Percebemos então o que Moreira (2005), Lima (2009) e Bahiana (2012) apontam sobre a construção da narrativa centrada no conflito humano. No caso de Olga, estão presente tanto no livro quanto no filme.

Assim, o simples fato de lidar com um drama já torna o livroreportagem um candidato à adaptação cinematográfica e podemos destacar ainda o fato de o livro já servir como um pré-roteiro, pois toda a história que precisa ser contada está lá, cabendo ao diretor fazer escolhas para montar sua narrativa.



## **Considerações Finais**

A percepção de um aumento na produção de filmes brasileiros baseados em livros-reportagens biográficos estimulou uma reflexão sobre o que tem despertado o interesse da indústria cinematográfica na adaptação de uma obra resultante de um trabalho jornalístico. Percebemos a escassa produção de estudos nesse sentido, e buscamos preencher essa lacuna.

Primeiramente destacamos o fato de o texto jornalístico do livro-reportagem utilizar de elementos oriundos da literatura, elementos esses que vão constituir uma narrativa semelhante à narrativa ficcional encontrada nos romances, texto este conhecido como jornalismo literário. Percebemos que essa aproximação textual tem uma ligação mais antiga, com a própria arte da narração.

Em segundo lugar, ressaltamos que o jornalismo e a dramaturgia centram suas narrativas no homem (LIMA, 2009), sendo que o primeiro lida com situações reais e as traduz de igual forma para um plano real, enquanto o drama usa de elementos do real para criar uma representação fictícia. E esse interesse no drama humano se intensifica na biografia, pois esta é centrada na trajetória de um personagem. Ainda em relação ao drama, este se constitui em um gênero cujas características já foram consagradas na literatura, no teatro e no cinema, e que são reconhecidas (e esperadas) pelo leitor e/ou espectador.

Por fim, todos esses elementos reunidos no livro-reportagem o tornam pronto para a adaptação, pois a narrativa já está construída, comumente de forma linear, como ocorre na maior parte das produções cinematográficas. Ao diretor cabe transformar palavras em imagens, no processo de adaptação da obra literária para a cinematográfica.

Lembramos ainda que a decisão na produção de um filme está relacionada a questões mercadológicas e que realizar uma obra cinematográfica baseada em livro que já goze de reconhecimento do público é menos arriscado do ponto de vista econômico do que partir de um roteiro desconhecido.

Entendemos que se trata de uma discussão inicial, tendo em vista que parte do que se discute hoje sobre livros-reportagens está relacionado à sua feitura – o processo jornalístico, como é o caso de Catalão Jr (2010) que demonstra a importância desse processo na feitura do livro-reportagem, já que a concepção dialógica, adotada pelo autor,



leva-o a definir que esse gênero é feito mediante trabalhos de reportagem. Por outro lado, têm surgido alguns trabalhos interessados em aprofundar essa aproximação do jornalismo literário com o cinema. Mourão (2012) tem se dedicado ao estudo de como se dá a adaptação da história do livroreportagem para o cinema, buscando as características do primeiro que facilitam ou atraem a indústria da sétima arte.

## Referências

BAHIANA, Ana Maria. Como ver um filme. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo Interpretativo. Porto Alegre: Sulina, 1976.

CATALÃO Jr., Antônio Heriberto. **Jornalismo Best-seller**: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

CORTINA, A. **Leitor contemporâneo**: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004. Tese de Livre-Docência. Araraquara: FCLAr/UNESP, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto alegre: Tchê, 1987. Disponível em <http://www.adelmo.com.br>. Acesso em: 05/03/2013

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do Foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Manole, 2009.

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MOREIRA, Lúcia Correia Marques de Miranda. Narrativas literárias e narrativas audiovisuais. In: FLORY, Sueley Fadul Villibor (Org.). **Narrativas ficcionais**: da literatura às mídias visuais. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.



PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia**: construção do personagem. São Paulo: Ática, 1989.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MOURÃO, H. R de S. **A vida escrita e filmada**: um estudo da transposição dos livros-reportagens sobre Olga e Chico Xavier para o cinema. Amazonas: UFAM, 2013. (Relatório parcial PIBIC 2012/2013)

PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. **A Práxis do Livro-reportagem**: Teoria e Prática em Diálogo. *In*: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. Santos. Anais.

RAMOS, Cristiano. **Literatura e Jornalismo**: bases teóricas para análise do livro-reportagem. Dissertação (Mestrado em Letras – Teoria Literária) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.